

DROGAS, ONTEM E HOJE

Alex Polari de Alverga*

Sem dúvida as drogas representam um grande problema na sociedade contemporânea. A própria palavra em si já levanta suspeitas e nos põe na defensiva. Sua etimologia algum dia significou apenas uma poção, uma manipulação de plantas, minerais, etc. Mas nos dias de hoje adquiriu uma poderosa carga semântica e mesmo pejorativa. Desde criança ouvimos e falamos: -Isto é uma droga! Ou seja isto não presta. Mas não foi sempre bem assim...

Retrocedamos ao tempo que o homem ainda era um chimpanzé recém descido das árvores que iniciava sua carreira solo nas savanas do continente africano. Nesta época distante, sua interação com o mundo vegetal foi um dos fatores mais importantes de sua evolução enquanto espécie. Nossos antepassados, por uma questão de sobrevivência, pesquisavam, as plantas, distinguindo aquelas espécies alimentares e curativas das venenosas, etc. Até que chegaram a descobrir algumas que tinham um dom muito especial: de abrir novas portas para a sua consciência e percepção do seu ambiente.

Este pode ter sido um momento muito especial na jornada do futuro homo sapiens . Supomos que Deus ou o princípio criador do Universo deu a partida neste jogo. E que neste belo pedregulho em torno de uma estrela de quinta grandeza, nossa espécie adquiriu a capacidade de refletir através desta consciência ainda incipiente, o drama cósmico da existência. É bem provável que isto tenha sido causado pela interação do metabolismo e das sinapses neuronais do cérebro humano com certos princípios ativos presentes no mundo vegetal. Que droga? Ou podemos exclamar: Que maravilha!

A cultura humana, muito tempo depois, elaborou este encontro na forma de mito de Adão e Eva no Paraíso comendo o fruto proibido e assumindo plenamente a liberdade da sua auto consciência e as conseqüências trágicas do seu livre arbítrio.

* Poeta, escritor, ambientalista e dirigente da tradição religiosa do Santo Daime

Em algum momento deste Neolítico distante, foi dada a partida para a História , a Cultura e a Religião humana.

Vamos encontrando aqui e ali vestígios destas sociedades já estratificadas e complexas, que passaram de caçadores coletores para criadores de animais e agricultores. Foi neste estágio que eles consumiam e cultuavam os fungos psilocínicos, crescidos no esterco do seu gado domesticado. Em tempos mais recentes, povos arianos oriundos do Cáucaso se fundiram com os habitantes do subcontinente indiano, dando origem a cultura religiosa védica, centrada no seu culto ao Soma, a bebida sagrada e inebriante¹.

Também nas origens da civilização grega, desenvolveu-se durante 1600 anos de forma ininterrupta os Cultos e Mistérios de Eleusis. Os peregrinos ao santuário desta cidade sagrada, reviviam nele o rapto de Perséfone, filha da deusa da agricultura Demeter pelo rei do Hades, num mito cheio de simbolismo sobre a morte, o renascimento e os ciclos de fertilidade da terra. Nesta ocasião o grande hierofante, o sacerdote que presidia o momento culminante desta cerimônia, servia doses generosas de uma espécie de vinho turbinado com claviceps purpúrea, uma espécie de LSD natural obtido a partir de um fungo do esporão de centeio, base da agricultura naquela época.

Ao mesmo tempo, longe dos eixos da civilização antiga mais avançada, da Sibéria até a extremidade da América do Sul, floresceram também diversas tradições xamânicas que cultivavam aquilo que um autor moderno denominou as “técnicas arcaicas do êxtase”. Muitas delas utilizavam plantas psicoativas que podem muito bem ter tido um papel importante no nascimento das grandes religiões que chegaram até nós. Elas eram tecnologias sagradas altamente respeitadas e seguras, levadas a cabo com pleno controle social e dentro sociedades cultas e estáveis. Quem não acreditar, leia o Banquete de Platão.

Além de uma ode à celebração destes Mistérios, ele nos conta também da tensão existente, já naquele tempo (IV^o século ac) , entre esta prática de indução à consciência mística dentro de um contexto religioso e os perigos da sua utilização mundana. Autores gregos do período clássico, alertavam para a vulgarização dos

¹ Alguns estudiosos consideram que ela fosse feita a partir da amanita muscaria siberiana. Mais recentemente tem sido defendida a hipótese da peganum harmala.

sacramentos de Eleusis, que começaram a ser levados para alguns *symposiuns*,² privados da aristocracia ateniense. O sacramento virou droga e qualquer semelhança não é mera coincidência com o que ocorre hoje na nossa modernidade! Qual foi a causa para isto? Um hierofante corrupto que traficava e começou a ficar rico numa boca do Olimpo? Uma sociedade já decadente e ávida em transformar auto conhecimento em diversão e indústria rendosa?

Sem dúvida estas questões que chocaram os contemporâneos de Platão, Sófocles e Péricles são ainda questões atuais, pois expõem uma chaga real e nada glamorosa do nosso mundo pós moderno: tráfico, consumo compulsivo, vício, violência crime, repressão, controle, loucura, num círculo vicioso, um sistema que se retro alimenta sem nunca se solucionar.

As causas deste problema parecem estar muito menos em um potencial destrutivo em si destas substâncias do que no deslocamento progressivo do seu contexto original (seletivo, religioso, sagrado) para uma vulgarização do seu uso, seguido depois sua valorização e exploração dentro da velha lógica de mercado. Isto foi levado a cabo de forma sistemática no alvorecer do capitalismo, quando a empresa mercantil colonialista, depois de “descobrir o Novo Mundo, passou a buscar os temperos exóticos, estimulantes e estupefacientes necessários para os salões da aristocracia e as classes dominantes da metrópole. É só ver a demanda de chá, chocolate, café e o incidente indecoroso da chamada Guerra do Ópio, quando a Inglaterra praticamente obrigou a China a continuar exportando ópio para ela, apesar do flagelo social que isto significava para aquele país.

Cada vez mais se evidencia hoje a falência desta mentalidade tacanha e paranóica de guerra contra as drogas. E se faz necessário demarcar novas fronteiras (usos e contextos responsáveis, descriminalização de drogas leves , política de redução de danos para os usuários, etc) de um lado e o controle rigorosos de drogas pesadas e sintéticas que ponham em risco a saúde privada e coletiva.

Desde o século passado, este assunto tem assumido cada vez mais importância no mundo acadêmico, a partir da ênfase dos estudos sobre a mente, a consciência e o cérebro humano. Pesquisas inovadoras no campo da psicoterapia

² Banquetes e reuniões que às vezes terminavam em bebedeiras e orgias

desde os anos sessenta deram conta do uso potencial destas substâncias no tratamento de certos tipos de disfunções de comportamento e conflitos de personalidade.

Por outro lado, ressurgiram de diversas formas a questão do uso sacramental e sagrado destas plantas e seus compostos naturais. Este foi o caso do peyote entre os índios norte americanos e mexicanos, o cacto San Pedro, a iboga na religião Buwiti no Gabão , etc. Em nosso país, a Ayahuasca ou Santo Daime, teve seu uso ritual e religioso regulamentado pelo governo brasileiro depois de enfrentar muitas décadas de preconceito.

Sem dúvida, considero que o uso espiritual destas plantas como sacramentos enteógenos³ é a melhor forma de trabalhar com estes expansores da nossa consciência. Mas devemos estar abertos a considerar também seus usos tanto medicinais quanto terapêuticos,. Pois eles, quando feitos de forma responsável e no contexto apropriado, podem também promover nosso crescimento e enriquecimento enquanto seres humanos. O que é nosso direito mais inalienável.

³ enteógeno é um novo conceito que significa substâncias que tem a propriedade de produzir uma experiência mística.